

# Para uma Leitura de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* de Miguel Real

Carla Sofia Gomes Xavier Luís  
(UBI, LabCom.IFP, ALLC, IFP)

Apresentação da Obra *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*<sup>1</sup>, da autoria de Miguel Real, realizada a 6 de abril de 2017, no Colóquio *Tarde de Cultura Portuguesa*, que decorreu no auditório da Biblioteca da Universidade da Beira Interior, disponibilizada na página do COLÓQUIO INTERNACIONAL – MIGUEL REAL – *Literatura, Filosofia, Cultura*, bem como no Jornal online *Imperativo* (<http://www.labcom-ifp.ubi.pt/miguelrealcoloquio/> ou <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcoloquio/>).

Ainda antes se darmos início à breve apresentação da obra *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, gostaríamos de recordar que esta proposta de leitura da cultura portuguesa debuxada por Miguel Real que o próprio, com a humildade socrática que lhe é tão característica, concebe “como um panorama sintético ou como uma delimitação geral de traços fundamentais da cultura portuguesa”<sup>2</sup>, sendo necessário, para que a sua função se cumpra, perspetivá-la “como uma porta de entrada para a problematização mais aprofundada da história e cultura do povo português”<sup>3</sup>, constitui, segundo o prefaciador do presente volume, José Eduardo Franco, nada mais nada menos do que “a mais importante súmula daquilo que caracteriza e distingue a nossa cultura desde que, em 1946, foi

---

<sup>1</sup> Damos conta de algumas belíssimas recensões críticas em torno de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* que, entretanto, deram à estampa. Não obstante, visto que estes textos surgiram após a apresentação da obra em destaque feita, como já se disse, na UBI, a 6 de abril de 2017, e uma vez que o presente texto reproduz fielmente o que havia sido dito nesse dia, não constam do rol de citações deste breve labor (naturalmente, pela pertinência e interesse, constam dos nossos próximos trabalhos, de onde destacamos, a título de exemplo, “Os Judeus na Obra Ensaística e Ficcional de Miguel Real”, no prelo). Eis os títulos em causa: ALMEIDA, Onésimo Teotónio, Miguel Real, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*. Lisboa: Planeta, 2107, p. 244; EPIFÂNIO, Renato, “A Via Lusófona”, Recensão Crítica à obra *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, de Miguel Real, Publicada por *Nova Águia às MILhafre: um olhar lusófono sobre o mundo* a 6/22/2017 02:31:00 da tarde, disponível em <http://mil-hafre.blogspot.pt/> [acedido a 22-06-2017]; GANHÃO, António, Recensão Crítica a *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, disponível em <https://acriticoblog.wordpress.com/2017/06/24/tracos-fundamentais-da-cultura-portuguesa-miguel-real/> [acedido a 20-06-2017]; MARTINS, Guilherme d’Oliveira, “Portugal em Traços Fundamentais”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, 21 de junho a 4 de julho de 2017, p. 24; SÉRGIO, Manuel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, “Ética no Desporto”, 03-07-2017, 15:03, in *A Bola*, disponível em <https://www.abola.pt/Nnh/Noticias/Ver/680800> [acedido a 22-07-2017]. Ver ainda as interessantes AUTOBIOGRAFIA (REAL, Miguel, “Autobiografia Imperfeita”, *Vaca Malhada - Revista de Filosofia dos Estudantes da Universidade do Minho*) e ENTREVISTA (realizada por diversos especialistas a Miguel Real, intitulada “Miguel Real: o Pensamento Criativo”, in *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 1238, 14 a 27 de março de 2018, pp. 9-13), ambas disponíveis na página do COLÓQUIO INTERNACIONAL – MIGUEL REAL – *Literatura, Filosofia, Cultura*, <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/miguelrealcoloquio/>.

<sup>2</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Planeta, 2017, p. 20.

<sup>3</sup> Idem, *ibidem*, p. 20.

publicada a obra marcante de António José Saraiva: *Para a História da Cultura em Portugal*<sup>4</sup>. Não poderíamos concordar mais com esta afirmação. Da mesma forma que corroboramos integralmente as palavras de João Seabra Botelho, desta feita, em torno do ensaio *A Morte de Portugal* (2007), expressas na *Leonardo, Revista de Filosofia Portuguesa*. O citado especialista, no decurso da análise que empreende, explica que o título acima mencionado deveria constituir uma leitura obrigatória no seio da população universitária estudiosa da Cultura Portuguesa. Ora ouçamos então o trecho a isso atinente:

“com a sua visão exterior e sintetizante, com a enorme densidade de autores que não só menciona, como diagnostica e situa no fluxo dos acontecimentos históricos, este livro poderá ser, para a futura população universitária estudiosa da Cultura Portuguesa o que a Estação do Entroncamento era para o caminho-de-ferro Português. Todos terão de passar por lá! E, naturalmente, quantos mais lá forem passando, mais passarão”<sup>5</sup>.

É com estas sábias e poderosas palavras de Seabra Botelho, de resto, extensíveis a muitos outros trabalhos da autoria de Miguel Real, que está dado o mote inaugural do labor que se segue. E importa não esquecermos que, além das incontáveis obras nas quais participou, em coautoria, na qualidade de prefaciador, organizador, colaborador (capítulo de livro, artigo, recensão, etc.), Miguel Real soma já mais de sessenta títulos marcantes no domínio da cultura portuguesa.

Retomando o objetivo central do presente texto, convém, desde logo, esclarecermos que, como é óbvio, não se pretende de todo, com a presente leitura que procuramos levar a cabo a *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, nem seria possível, seria até uma atitude estéril e arrogante, esgotar o incrível manancial de tópicos dignos de destaque e de uma atenção mais cuidada. Com efeito, é nossa intenção, por via das breves notas delineadas nas páginas que se seguem, trazermos à colação algumas ideias, orientadas num determinado ângulo e que estarão, por certo, circunscritas aos nossos gostos pessoais, universos de referências, mas também a algumas restrições de tempo e de espaço que importa não esquecer.

Não obstante a escassez de tempo, ainda antes de mergulharmos na obra propriamente dita, e por muito que Miguel Real seja uma figura sobejamente conhecida, gostaríamos, até por razões metodológicas, de esboçar umas breves notas em torno da sua **vida e obra**. Como se tem vindo a consolidar ao longo dos tempos, além de um enorme vulto da cultura portuguesa, de renome nacional e internacional, Miguel Real é igualmente um dotado ficcionista, escrevendo, com espessura e propriedade, romances históricos de elevada qualidade estética. Como muito bem refere José Eduardo Franco, é “Mestre do ensaio e ao mesmo tempo do romance”<sup>6</sup>. Mas a par destes apontamentos introdutórios, e digo isto muitas vezes, abertamente, sem receio de ser acusada de adjetivar (tenho

---

<sup>4</sup> FRANCO, José Eduardo, “Prefácio”, in REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, badana.

<sup>5</sup> BOTELHO, João Seabra, “*A Morte de Portugal*, de Miguel Real”, *Leonardo, Revista de Filosofia Portuguesa*, 2008, p. 1 (pp. 1-5), <http://www.ofilosofo.com/mortedeportugal-mreal.htm> [consultada a 18-06-2015].

<sup>6</sup> FRANCO, José Eduardo, “Prefácio”, in REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 16.

uma costela queirosiana...), ou de outros epítetos menos benevolentes, mas dizia, do ponto de vista pessoal, na sua intimidade, Miguel Real é um ser humano absolutamente magnífico: amigo, leal, disponível, afável, extremamente humilde e generoso, coerente (há correspondência entre o que diz e escreve e a forma como opera), de bem com a vida; enfim, é um prazer e um privilégio privar com a pessoa, **tão bondosa quanto erudita**, que anima a figura deste Cultor das Letras, deste convicto Humanista. Quem o conhece pessoalmente concordará com o presente retrato.

Feito este preâmbulo, passamos, de imediato, a elencar alguns aspetos mais factuais que consideramos dignos de destaque. Luís Martins, identidade civil do pseudónimo Miguel Real<sup>7</sup>, nasceu em Lisboa, em 1953, sendo sintrense por adoção. O dealbar da sua atividade de ensaísta e de escritor que, de resto, espelha um profundo conhecimento e cruzamento da História, da Cultura, da Literatura, da Filosofia, da Política, das Mentalidades, da Língua, emana, desde logo, do estudo apurado que realizava no âmbito do exercício da atividade de docente de Filosofia e de Psicologia que exerceu durante vários anos<sup>8</sup>. Autor de uma admirável e largamente premiada<sup>9</sup> obra, espaiada pelo ensaio, ficção e drama, neste último caso em colaboração com Filomena de Oliveira (de onde destacamos, por exemplo, *Uma Família Portuguesa*, distinguida com o grande prémio de teatro da sociedade portuguesa de autores/teatro aberto, *Europa, Europa*, ou a adaptação d' *O Ano da Morte de Ricardo Reis*<sup>10</sup>, de José Saramago, mas também *O Teatro na Cultura Portuguesa do Século XX*), sem esquecermos, entre muitas outras, a escrita de manuais escolares, a crítica literária e ainda as crónicas que publica regularmente, mas também a sua experiência como radiologista ou como colaborador do *Jornal de Letras*. Entrecruzando os contextos histórico, político, social e até relacional, vertidos nos dois formatos romance e ensaio, o primeiro preenchendo o lado “lúdico, irónico”, o segundo, o lado “rigoroso, disciplinado, investigativo”<sup>11</sup>, Miguel Real tem vindo a contribuir para o conhecimento aprofundado de Portugal e dos modos de *estar* e de *ser* português, desde os séculos XV e XVI até à atualidade.

---

<sup>7</sup> Temos nota da separação entre Luís Martins e Miguel Real em *Carta de Sócrates a Alcibiades, seu vergonhoso amante* (1987), seu primeiro livro, como, de resto, o próprio refere em “Autobiografia Imperfeita” (disponível em <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/files/miguelrealcolquio/> [acedido a 10 de março de 2018]).

<sup>8</sup> REAL, Miguel, *Revista Progredir* (agosto 2013), Entrevista a Miguel Real, n.º 19, p. 27 (pp. 26-32), [http://www.revistaprogridir.com/uploads/4/4/1/1/4411736/revista\\_progredir\\_019.pdf](http://www.revistaprogridir.com/uploads/4/4/1/1/4411736/revista_progredir_019.pdf) [consultada a 01-07-2015].

<sup>9</sup> *Prémio Revelação de Ficção da APE/IPLB em 1979 (O Outro e o Mesmo)*, *Prémio Revelação de Ensaio, Literário da APE/IPLB em 1995 (Portugal – Ser e Representação)*, *Prémio LER/Círculo de Leitores 2000 (A Visão de Tândalo por Eça de Queirós)*, *Prémio Fernando Namora da Sociedade Estoril Sol em 2006 (A Voz da Terra)*. O seu ensaio *Eduardo Lourenço e a Cultura Portuguesa* (2008) mereceu o prestigiado *Prémio da Associação Internacional de Críticos Literários* e a peça *Uma Família Portuguesa* (2008), em coautoria com Filomena Oliveira, foi agraciado com o *Grande Prémio de Teatro da Sociedade Portuguesa de Autores/Teatro Aberto*.

<sup>10</sup> Note-se que esta peça estreará na Covilhã a 7 de novembro de 2018 (Grupo de Teatro Éter), constituindo um momento cultural associado ao evento *COLÓQUIO INTERNACIONAL – MIGUEL REAL – Literatura, Filosofia, Cultura*.

<sup>11</sup> REAL, Miguel in CASTRO, Isabel, Entrevista a Miguel Real, “A lusofonia deveria ser levada mais a sério”, *Ponto Final*, abril 19, 2011, <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2011/04/19/%E2%80%99Ca-lusofonia-deveria-ser-levada-mais-a-serio%E2%80%9D/> [consultada a 01-07-2015], para as duas citações.

No domínio da **ficção**, romance histórico, desde o seu primeiro, e logo galardoado, livro, publicado em 1979<sup>12</sup>, **O Outro e o Mesmo**<sup>13</sup> (publicado ainda com o seu nome civil) até ao mais recente intitulado **Cadáveres às Costas**, 2018 (Lisboa, Dom Quixote), “uma radiografia satírica de Portugal”<sup>14</sup>, da mentalidade ainda muito presa ao seu passado, destacamos, fruto das nossas leituras e interesses pessoais, naturalmente entre muitos outros dignos de menção, os títulos: **Memórias de Branca Dias** (2003)<sup>15</sup>, **A Voz da Terra** (2005)<sup>16</sup>, **O Último Negreiro** (2006)<sup>17</sup>, **O Último Minuto da Vida de S.** (2007), **O Sal da terra** (2008)<sup>18</sup>, **As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia** (2010), **A Guerra dos Mascates** (2011)<sup>19</sup>, **O Feitiço da Índia** (2012)<sup>20</sup>, **A Cidade do Fim** (2013)<sup>21</sup>, **O Último Europeu** (2015)<sup>22</sup>.

No que diz respeito ao **ensaio**, focalizando a sua atenção nas ideias de certos políticos, escritores, ensaístas, intelectuais, como Marquês de Pombal, Eça de Queiroz, Agostinho da Silva, Eduardo Lourenço, mas também de determinados artistas como Olga Roriz e Sisa Vieira (nos campos da dança e da arquitetura, respetivamente), “cuja obra alterou radicalmente o horizonte da cultura portuguesa em certo período”<sup>23</sup>, Miguel Real tem vindo, ao longo dos seus trabalhos, a elencar certas singularidades do povo lusíada, alertando para a necessidade de se valorizar a memória cultural coletiva. Nas suas próprias palavras, e concretizando um pouco melhor, todos os seus ensaios prendem-se “com a cultura portuguesa no sentido de lhe demarcar as características constantes que a individualizam face às restantes culturas europeias”<sup>24</sup>. Entre muitos outros, além do seu primeiro, e desde logo premiado ensaio, **Portugal. Ser e Representação**<sup>25</sup> (1998), salientamos a relevância de: **Eduardo Lourenço – Os Anos da Formação 1945-1958**<sup>26</sup> (2003), **O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa**<sup>27</sup> (2006), **A Morte de Portugal**<sup>28</sup> (2007), **Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa**<sup>29</sup> **Introdução à Cultura Portuguesa: séculos XIII a XIX**<sup>30</sup> (2011), que conta já com tradução para

---

<sup>12</sup> Acabou de ser imprimido em abril de 1980.

<sup>13</sup> MARTINS, Luís, *O Outro e o Mesmo*, Lisboa, Contexto Editora, 1980.

<sup>14</sup> REAL, Miguel, in *Wook*, disponível em <https://www.wook.pt/livro/cadaveres-as-costas-miguel-real/21502223> [consultada a 01-04-2018].

<sup>15</sup> REAL, Miguel, *Memórias de Branca Dias*, Lisboa, Temas & Debates, 2003.

<sup>16</sup> REAL, Miguel, *A Voz da Terra*, 4.<sup>a</sup> ed., Alfragide, D. Quixote, 2012 [1.<sup>a</sup> ed., Matosinhos, Quidnovi, 2005].

<sup>17</sup> REAL, Miguel, *O Último Negreiro*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, Quidnovi, 2007 [1.<sup>a</sup> ed., Quidnovi, 2006].

<sup>18</sup> REAL, Miguel, *O Sal da Terra*, Lisboa, Quidnovi, 2008.

<sup>19</sup> REAL, Miguel, *A Guerra dos Mascates*, 2.<sup>a</sup> ed., Lisboa, D. Quixote, 2011 [1.<sup>a</sup> ed., D. Quixote, 2011].

<sup>20</sup> REAL, Miguel, *O Feitiço da Índia*, Lisboa, D. Quixote, 2012.

<sup>21</sup> REAL, Miguel, *A Cidade do Fim*, Lisboa, D. Quixote, 2013.

<sup>22</sup> REAL, Miguel, *O Último Europeu*, Alfragide, D. Quixote, 2015.

<sup>23</sup> REAL, Miguel, in CASTRO, Isabel, Entrevista a Miguel Real, “A lusofonia deveria ser levada mais a sério”.

<sup>24</sup> REAL, Miguel in CASTRO, Isabel, Entrevista a Miguel Real, “A lusofonia deveria ser levada mais a sério”.

<sup>25</sup> REAL, Miguel, *Portugal: Ser e Representação*, Lisboa, Difel, 1998.

<sup>26</sup> REAL, Miguel, *Eduardo Lourenço – Os Anos da Formação 1945-1958*, Lisboa, INCM, 2003.

<sup>27</sup> REAL, Miguel, *O Marquês de Pombal e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, Quidnovi, 2005.

<sup>28</sup> REAL, Miguel, *A Morte de Portugal*, Coleção Campo da Atualidade, Porto, Campo das Letras – Editores S.A., 2007.

<sup>29</sup> REAL, Miguel, *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa*, Lisboa, Quidnovi, 2008.

<sup>30</sup> REAL, Miguel, *Introdução à Cultura Portuguesa (Séculos XIII a XIX)*, Lisboa, Planeta, 2011.

castelhano pela “editora Planeta e com o lançamento na Feira do Livro de Bogotá, a segunda mais importante da América Latina”<sup>31</sup>, *Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010: o Labirinto da Razão e a Fome de Deus*<sup>32</sup>, *O Romance Português Contemporâneo 1950-2010*<sup>33</sup>, *A Vocação Histórica de Portugal*<sup>34</sup>, *Portugal: um País Parado a Meio do Caminho 2000-2005*<sup>35</sup>, e o corolário de muitos títulos que foi produzindo ao longo dos anos, que agora dá à estampa: *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*.

Após esta brevíssima introdução à vida e obra do autor, passamos, sem mais delongas, à abordagem propriamente dita do ensaio que hoje nos ocupa. *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, publicado pela editora Planeta, em 2017, do ponto de vista **estrutural**, estende-se por 242 páginas e está dividido em duas partes, a saber: **TEORIA e PRÁTICA HISTÓRICA: CONSTANTES CULTURAIS**. No que diz respeito à **TEORIA**, inclui dois grandes capítulos “Portugal – um país suspenso no tempo” e “Síntese das quatro constantes culturais” que, por sua vez, se subdividem em subcapítulos e, em alguns casos, em pontos temáticos. No âmbito do primeiro capítulo são tratados temas como “A teoria dos estrangeirados”, “Pessimismo nacional?”, “Os jesuítas e a cultura portuguesa”, “As ordens religiosas e a cultura portuguesa”, “Absolutismos culturais (“História mítica de Portugal”, “O Império do Espírito Santo”). No que concerne ao segundo capítulo intitulado “Síntese das Quatro Constantes Culturais”, Miguel Real aborda “Constantes Históricas”, “Constantes Culturais”, “Situação Actual da Cultura Portuguesa: um Intervalo Civilizacional” e “Nova cultura das cidades”. A Segunda parte que designa de **PRÁTICA HISTÓRICA: CONSTANTES CULTURAIS**, distribui-se por cinco capítulos, sendo que o primeiro dos quais se denomina “Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa” e inclui os pontos temáticos: “Decadência ou declínio?”, “O sebastianismo”, “A saudade”, “Cultura de fronteira – o desejo do Outro”, “Lusofonia – história aberta do futuro da língua portuguesa”, “Características tradicionais atribuídas ao povo português”. Os restantes quatro capítulos assumem as designações de: “Viriato – origem exemplar de Portugal”, “Padre António Vieira – Portugal como Nação Superior”, “Marquês de Pombal – Portugal como Nação Inferior”, “Familiares, Sicofantas, Moscas, Jacobinos, Miguelistas, Formiga-branca, Bufos – uma Cultura Canibalista”.

No que ao **conteúdo** diz respeito e, **numa perspetiva geral**, Miguel Real oferece-nos, pela novidade de determinados conteúdos abordados, pela configuração ou arrumação de certos itens, pela forma como são cotejados, mais uma peça riquíssima e original para o conhecimento alargado de

---

<sup>31</sup> ANDRÉ, Daniel, Entrevista a Miguel Real, *Alagamares* (Associação Cultural), 2014, <http://www.alagamares.com/entrevista-com-miguel-real/> [consultada a 01-07-2015].

<sup>32</sup> REAL, Miguel, *Pensamento Português Contemporâneo 1890-2010: o Labirinto da Razão e a Fome de Deus*, Lisboa, INCM, 2011.

<sup>33</sup> REAL, Miguel, *O Romance Português Contemporâneo – 1950-2010*, 2.<sup>a</sup> ed., Alfragide, Editorial Caminho, 2012.

<sup>34</sup> REAL, Miguel, *Vocação Histórica de Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2012.

<sup>35</sup> REAL, Miguel, *Portugal: um País Parado a Meio do Caminho 2000-2005*, Alfragide, Dom Quixote, 2015.

Portugal e dos modos de *estar* e de *ser* portugueses, desde os séculos XV e XVI até à atualidade. Exímio conhecedor dos tópicos criteriosamente selecionados, alguns deles avançados em outras publicações da sua autoria, sempre muito bem documentado, também pela leitura atenta e atualizada de bibliografia relevante no âmbito das temáticas que explora, cultiva um estilo e uma linha de raciocínio muito coesos e coerentes. Entrecruzando os contextos histórico, social, cultural, relacional e político, Miguel Real presenteia-nos com mais este estudo, não esquecendo o seu dileto leitor, convidando-o, por conseguinte, a refletir, a participar ativamente neste ensaio, através da problematização da informação recolhida respondendo às questões dispostas no final, concretamente na página 236 e que agora transcrevemos:

- 1- “Um século depois, terá este Portugal sido superado por uma visão modernista, assente na tecnociência, com uma forte perspectiva de justiça social, uma sólida capacidade de mobilidade social? “Ou os novos costumes europeus serão apenas um *ersatz* daqueles velhíssimos hábitos sociais, “bíblicos”, como diziam as duas senhoras inglesas de passagem por Portugal na década de 1950, atrás citadas? Ou os novos costumes europeus não serão senão, hoje, a máscara porque os antigos se camuflam?”
- 2- “Continuará Portugal um país culturalmente suspenso no tempo?”
- 3- “Bastará a arquitectura de um Siza Vieira, o novo chip de uma Elvira Fortunato, um centro comercial, um CR7, para fazer um país novo? Ou existirão apenas para contentamento de uma elite política que assim se presume europeia?”

Do **geral ao particular** e como o **título da obra** em apreço nos deixa, desde logo, adivinhar, Miguel Real destaca certas marcas caracterológicas da cultura portuguesa, certos traços típicos da nossa mentalidade, do nosso ideário, que vão do erudito ao popular, não esquecendo, de modo algum, as constantes históricas desencadeadoras dessas mesmas constantes culturais. E esta **reflexão profunda** que empreende em torno do seu **país**, com o qual tanto se preocupa, buscando traços identitários que nos definam, diagnosticando problemas, perspetivando, de alguma forma, soluções, é infinitamente robustecida quer pela **miríade de autores**, por vezes, até de correntes algo divergentes, que traz à colação, que estuda, que, de alguma forma, concilia, destacando o que de melhor têm para oferecer, não deixando ainda de, importa não esquecer, contextualizá-los no fluxo dos acontecimentos históricos, como é apanágio das boas práticas de investigação, quer pela **funda perscrutação histórica** que o leva inclusivamente a recuar aos séculos XV e XVI, como tem por hábito fazer, também com o intuito de melhor compreender a origem de determinados fenómenos<sup>36</sup>.

Abordando a Cultura Portuguesa num sentido “amplíssimo”<sup>37</sup>, Miguel Real traz à colação, sem qualquer renitência, as “visões míticas, providencialistas e messiânicas”<sup>38</sup>, não excluindo,

---

<sup>36</sup> Cf. o caso da “cultura canibalista”, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017, pp. 229 e ss.

<sup>37</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 20.

<sup>38</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 20.

igualmente, “as teses positivistas, racionalistas, modernistas e pós-modernistas”<sup>39</sup>, explicando que de todas elas nos procura deixar um apanhado, um “traço”<sup>40</sup>. Nas suas próprias palavras:

“do sebastianismo à saudade, dos «estrangeirados» ao casticismo rural conservador do Estado Novo, do empírico-racionalismo de Onésimo T. Almeida ao vanguardismo comunicacional de Moisés Lemos Martins, do «irrealismo prodigioso» de Eduardo Lourenço ao carácter dúplice de «ser e não ser» dos portugueses de António José Saraiva, do «marranismo» criptojudaico integrado no ser nacional à pós-modernidade de José Bragança de Miranda e António Pinto Ribeiro, do saudosismo de Teixeira de Pascoaes à cultura de fronteira de Boaventura de Sousa Santos, do lirismo enfatizado por inúmeros autores (João Gaspar Simões, Jorge Dias, Francisco da Cunha Leão, Jacinto do Prado Coelho...) às propriedades de capatazia e miscigenação atribuídas por Agostinho da Silva aos portugueses, bem como a profunda revolução operada por José Eduardo Franco na hermenêutica da cultura portuguesa nos dois últimos séculos por via da reabilitação da Ordem de Jesus, até ao final do século XX considerada a sua vertente mais negativa”<sup>41</sup>.

Opinando que a busca incessante de um “conceito absoluto, transcendente, exclusivo, excepcional e extraordinário”<sup>42</sup>, totalmente esclarecedor sobre o que é a “identidade nacional”<sup>43</sup> ou o “homem português”<sup>44</sup>, tem constituído um dos maiores erros cometidos pelos teóricos da cultura portuguesa, entende que a cultura:

“[...] consiste no cruzamento sintético de todas as experiências individuais da comunidade, na memorização social dos momentos mais importantes da vida colectiva, que perfizeram o sangue trágico e o êxtase jubiloso da nação, operaram a mestiçagem do novo e do velho, criando complexos comportamentais diferentes, cristalizada numa memória transfigurada em forma estética como monumento intemporal obediente às regras convencionais de cada género literário, forma de arte e hábitos comportamentais”<sup>45</sup>.

Note-se que este conceito plurivalente de cultura, além de outras interpretações e leituras naturais, transporta-nos imediatamente para as ligações históricas e culturais entre Portugal e, como é óbvio, a Europa, mas também entre Portugal e o Mundo Lusófono. Refira-se, a título de curiosidade, que a Lusofonia tem merecido especial atenção por parte do ensaísta em estudo, em diversos escritos, entrevistas, etc., sendo o corolário do seu pensamento em torno destas matérias, por assim dizer, *A Vocação Histórica de Portugal*<sup>46</sup>, obra que, entre muitas outras, analisamos no capítulo “Língua

---

<sup>39</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 20.

<sup>40</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 20.

<sup>41</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 20.

<sup>42</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 23.

<sup>43</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 23.

<sup>44</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 23. Procurando razões históricas que possam justificar essa necessidade, refere que “Desde o princípio do século XX têm-se sucedido diversas teorias sobre a identidade nacional, porventura fruto da decadência da monarquia, sentida como uma crise civilizacional fraturante de quase 800 anos de história, acrescida à crise mental e cultural consciencializada pela Geração de 70, três a quatro décadas antes, ambas expressão da profunda crise que varrera o país desde o consulado do Marquês de Pombal, e atravessara todo o século XIX (invasões francesas, implantação do Constitucionalismo Liberal, independência do Brasil, guerra civil entre liberais e absolutistas...)” (REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 23).

<sup>45</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 97.

<sup>46</sup> É caso disso mesmo, entre outras, a obra da autoria de Miguel Real *A Vocação Histórica de Portugal*, Lisboa, Esfera do Caos Editores, 2012.

Portuguesa e Lusofonia em Miguel Real”<sup>47</sup>, incluído do livro *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*.

Deixando bem claro que a “criação da Cultura passa pela História”<sup>48</sup>, mas não se esgota nela, Miguel Real elenca cinco constantes históricas que são geradoras das constantes culturais. Princípiam este exercício convocando, desde logo, a questão do imobilismo e profunda desigualdade social que se tem perpetuado ao longo dos tempos<sup>49</sup>. A este propósito refere que a estrutura social apresenta-se imutável, “desde a segunda metade do século XVI”, o que se traduz numa “base social e psicológica de sentimentos permanentes como a soberba, a altivez, a ostentação e a vaidade entre os grupos sociais superiores”, desembocando num fundo “desprezo das elites políticas, económicas e religiosas” pelas “populações, consideradas rústicas e serviçais, destinadas permanentemente à superstição e desprovidas de educação e cultura”. Aos dois pontos anteriores, há que somar um terceiro que remonta à crença imperial de D. João II e de D. Manuel na “construção do Império como desígnio divino”, onde radica a dualidade comportamental, exaltação/desvalorização das virtudes, tão tipicamente nacional, que impregnou na totalidade a cultura política do século XVI. Reportando-se já aos tempos subsequentes ao século XVII, num quarto ponto, Miguel Real refere a sistemática “mimetização das elites políticas e sociais e das elites intelectuais face às suas homónimas de países europeus (França e Inglaterra)” e a “subordinação acéfala aos ditames ideológicos da Igreja de Roma”, que tem conduzido as mentalidades, ainda hoje espelhada no culto mariano em Portugal, sendo Fátima visitada, anualmente, por cinco milhões de Portugueses. Daqui resultará, na sua opinião, uma “espiritualidade lírica, comunitária, disponível para a crença em milagres”. Ainda num último ponto, Miguel Real dedica a sua atenção ao importante “fenómeno de emigração das populações pobres” como a única forma de fugirem à indiferença demonstrada pela “elite nacional”<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> Carla Sofia Gomes Xavier Luís, “Língua Portuguesa e Lusofonia em Miguel Real”, in Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório (org.), *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*, Lisboa, Edições Colibri e Universidade da Beira Interior, com o apoio da Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras, Instituto Politécnico de Macau, Universidade de Toronto, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, pp. 47-82.

<sup>48</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 97.

<sup>49</sup> Note-se que Miguel Real havia já abordado esta questão em muitas outras ocasiões, de onde destacamos a sua colaboração na entrevista “Podemos agora ser um país normal?”, realizada por Paulo Moura aos sete pensadores portugueses José Manuel Sobral, José Adelino Maltez, Miguel Real, Guilherme d’Oliveira Martins, Paulo Borges, José Gil e Eduardo Lourenço. Neste local, o intelectual em destaque refere que somos um “país profundamente desequilibrado, sem uma classe média duradoura”. E continua explicando que, desde o século XVI, não é possível, para a maioria dos portugueses, fazer algo para mudar o seu destino, o que conduz a uma falta de “mobilidade social” e a uma “sociedade empedernida, injusta, claustrofóbica”, onde as elites tendem a manter-se “nas suas posições de privilégio. E governam para si próprias”. Fazendo ainda notar que tal não acontece nos países europeus mais desenvolvidos, traz à colação os exemplos da Inglaterra, que apresenta mobilidade social desde o século XVIII, e da França, que tem mobilidade social desde sempre, ou pelo menos desde 1789” (REAL, Miguel in MOURA, Paulo, “Podemos agora ser um país normal?” (conversas com sete pensadores portugueses: José Manuel Sobral, José Adelino Maltez, Miguel Real, Guilherme d’Oliveira Martins, Paulo Borges, José Gil e Eduardo Lourenço), *Público*, 18 de maio de 2014, <http://www.publico.pt/portugal/noticia/podemos-agora-ser-um-pais-normal-1636200> [consultada a 01-07-2015]).

<sup>50</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 98-100, para as dez últimas citações.



Concluindo que todos estes aspetos, “e seu desenvolvimento histórico e conceptual”, contribuem para alimentar o problema da “questão da «identidade» portuguesa»<sup>51</sup>, é da opinião de que Eduardo Lourenço a resumiu lapidarmente, postulando que em Portugal se sofre de uma “hiper-identidade”<sup>52</sup>, não de falta de identidade, mas do seu excesso, gerando o “irrealismo prodigioso dos portugueses” (*Labirinto da Saudade*, 1978), tão bem caracterizado por Boaventura de Sousa Santos em *Pela Mão de Alice* (1994)<sup>53</sup>. E não deixa igualmente de trazer à colação o contributo de Onésimo Teotónio Almeida que se opõe a discursos deterministas ou “essencialistas”, entendendo que “a cultura de um país é-o no sendo, no processo de ser”<sup>54</sup>.

Ao longo do ensaio em destaque, perante a identificação do **problema concreto**, ou seja, o sentimento de “incompletude ontológica”, espécie de “vazio histórico”, isto, refira-se, após a perda do Império e dos vários anos volvidos desde a integração Europeia<sup>55</sup>, mas dizíamos, deste sentimento de uma “lúcida e febril consciência de que algo falhou em nós, nasceu um «desacerto» [...]”<sup>56</sup>, fomentador dos “quatro complexos comportamentais”<sup>57</sup>, enunciados no subcapítulo “Síntese das quatro constantes culturais”<sup>58</sup>, onde assenta a tese de que Portugal é “um país suspenso no tempo”<sup>59</sup>. Isolado o problema, Miguel Real, como, de resto, tem por hábito fazer, aponta um potencial **caminho a seguir**, uma possível **solução**, que, desta feita, se centra no cumprimento, na perfeição, de três desideratos, a saber: “o aprofundamento da integração europeia a todos os níveis”, “o aprofundamento da integração lusófona a todos os níveis” e “o aprofundamento da integração na globalização informática”<sup>60</sup>.

Ou seja, segundo o ensaísta em apreço, se, durante a primeira metade deste século, se cumprirem meticulosamente estes desígnios, “Portugal deixará de ser um país suspenso no tempo”. E por “**país suspenso no tempo**”, ideia, de resto, já avançada em 2015, na obra *Portugal: um país*

---

<sup>51</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 100, para as duas últimas citações.

<sup>52</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 100.

<sup>53</sup> Cf. REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 98-100.

<sup>54</sup> ALMEIDA, Onésimo Teotónio, in REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 100. Cf. *A Obsessão da Portugalidade*, Lisboa, Quetzal, 2017. Ver ainda a entrevista realizada por Filipa Melo a Onésimo Teotónio d’Almeida, intitulada “Onésimo, o Nosso Primo da América”, in *Revista Ler. Livros & Editores*, edição n.º 145, primavera de 2017, pp. 26-41.

<sup>55</sup> Recordamos estas palavras em *A Morte de Portugal*: “esmagadas por uma apressada e selvagem integração pombalina na Europa, não precavendo e filtrando desta o que gradualmente se vai aclimatando ao nosso ser, mas, intempestivamente, comandada por uma nova geração de engenheiros e de economistas totalmente desprovida de espírito histórico, fazendo desabar sobre a cabeça de cada português uma catadupa de costumes exóticos descristianizados e desumanizados, revolucionando o papel do Estado no interior da sociedade” (REAL, Miguel, *A Morte de Portugal*, p. 27).

<sup>56</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 29.

<sup>57</sup> Note-se que já n’ *A Morte de Portugal*, sob a designação de “quatro *complexos culturais*”, Miguel Real havia avançado esta leitura (pp. 12-16), que, de resto, fora tratada no artigo da autoria de Carla Sofia Gomes Xavier Luís, “Miguel Real e o seu retrato de Portugal: de onde vimos, o que somos e para onde vamos”, in Urbano Sidoncha e Catarina Moura (org.), *Culturas em Movimento, Livro de Atas do I Congresso Internacional Sobre Cultura*, Covilhã, LABCOM.IFP (Comunicação, Filosofia e Humanidades), 2016, pp. 193-195 (pp. 187-208).

<sup>58</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 95 e ss.

<sup>59</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 23 e ss.

<sup>60</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 130, para as três últimas citações.

*parado a meio do Caminho, 2000-2015*, onde Miguel Real diagnosticava um estado de sonambulismo, algo crónico, a Portugal, “2015: Portugal, um País Sonâmbulo”<sup>61</sup>, entenda-se:

“[...] um país que não se realiza, habitando uma excitação mental vazia de estímulos de orgulho, para a qual um pequeno feito (a vitória num campeonato internacional de futebol, por exemplo) sabe a triunfo imorredouro. Cresce, assim, na mentalidade colectiva, transmitida pelas instituições sociais permanentes, uma vertente cultural fortemente pessimista. País suspenso no tempo, o pessimismo consiste na arte da impaciência, a irrupção abrupta do desejo de um futuro próspero que tarda em chegar. O realismo do presente histórico desde o século XVII (Portugal, ainda que senhor de um império, é um país internacionalmente insignificante) e a constatação de um passado glorioso e glorificado (cf. subcapítulo “Absolutismo nacionais”) têm gerado uma mentalidade céptica, descrente das capacidades próprias dos portugueses, que são não inferiores nem superiores às dos restantes povos, nem mais virtuosas nem mais imperfeitas, não possuem uma natureza diferente das dos outros povos, apenas um grau de evolução social diferente<sup>62</sup>.

Quanto às **quatro Constantes Culturais** acima mencionadas, decorrentes das constantes históricas, são definidas como *origem exemplar*, *nação superior*, *nação inferior* e *canibalismo cultural*; etiquetas, por assim dizer, já trazidas a lume por Miguel Real em outros trabalhos, de onde, naturalmente, destacamos *A Morte de Portugal*. Recordamos, muito rapidamente em que consiste cada um destes quatro complexos culturais, o “viriatino”, o “vieirinho”, o “Marquês de Pombal” e o “canibalista”. O **complexo viriatino**, emergente na segunda metade do século XVI, que apelida de “**A ORIGEM EXEMPLAR**”, remonta, como o próprio nome indica, ao espelho de Viriato, “herói impoluto, puro, virtuoso, soldado modelo, chefe guerreiro íntegro, homem simples, pastor humilde que se revolta contra a prepotência do ocupante estrangeiro, conduzindo os lusitanos a vitórias sucessivas”<sup>63</sup>, sendo somente derrotado à traição. No fundo, pobres, mas puros e virtuosos. O **complexo vieirinho**, designado de “**NAÇÃO SUPERIOR**”, surge com Padre António Vieira que, resgatando o providencialismo de Ourique e o milenarismo judaico de Bandarra (e após D. João III, o fracasso de Alcácer Quibir e a decadência do Império), vem profetizar o Quinto Império. Augurando-se um futuro risonho, “com o retorno anunciado às glórias do passado, agora sob o divino nome de Quinto Império”<sup>64</sup>, estamos determinados “a desejarmos mais do que nos pedem as forças e nos exigem as circunstâncias, pulsão social que orientou as caravelas portuguesas”<sup>65</sup>. Enfim, somos, desta feita, uma nação superior e com um destino grandioso no Orbe. O **complexo pombalino**, que intitulou de “**NAÇÃO INFERIOR**”, emerge do ímpeto de Marquês de Pombal, segundo o qual somos uma nação inferior no contexto europeu por culpa da Igreja Católica, do nosso crónico atraso das mentalidades, da incultura generalizada e sedentos das luzes europeias<sup>66</sup>,

“hoje acefalamente política dominante do Estado português, que, como “bom aluno”, se põe na fila das estatísticas, subordinando a sua imensa valia cultural à mera e exclusiva valia dos

<sup>61</sup> REAL, Miguel, *Portugal: um País Parado a Meio do Caminho 2000-2005*, p. 67.

<sup>62</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 57-58.

<sup>63</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017, p. 103 e *A Morte de Portugal*, 2007, p. 12.

<sup>64</sup> Idem, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 104 e *A Morte de Portugal*, 2007, p. 13.

<sup>65</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017, p. 105 e *A Morte de Portugal*, 2007, p. 14.

<sup>66</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 105-106.

indicadores económicos, gerando um notório sentimento de mal-estar e de inferioridade entre as actuais elites portuguesas”<sup>67</sup>.

Finalmente, “o tempo moderno e contemporâneo da cultura portuguesa entre 1580 – data da perda da independência – e 1980 – data do acordo de pré-adesão à Comunidade Económica Europeia –, passando simbolicamente pelo ano de 1890 – data do *Ultimatum* britânico a Portugal –, atravessando, portanto, 400 anos de história pátria” é o tempo “da culturofagia”<sup>68</sup>, do “**CANIBALISMO CULTURAL**”<sup>69</sup>, na medida em que cada nova doutrina que surge aniquila impiedosamente as anteriores<sup>70</sup>, aspirando à hegemonia e não tolerando a coexistência<sup>71</sup>.

A título de curiosidade, e ainda no que concerne a este último complexo, note-se que Miguel Real, busca, no livro que agora se apresenta, as fundas raízes deste *traço*. Isto é, recuando inclusivamente ao tempo do reinado de D. João III, explica que “ao longo de 400 anos, de D. João III a Oliveira Salazar, Portugal criou uma forma mental e uma visão do mundo que se alimentam em exclusivo da negativização do pensamento oposto, da doutrina contrária, da teoria diferente, nulificando igualmente os seus autores – conceito combatido, autor preso, exilado, ou morto, livro exprobadado, queimado ou proibido”<sup>72</sup>. E continua:

“O pensador portador da diferença era encarado como um inimigo a abater ou a esmagar, e o povo – eterno rústico aldeão, alimentado pelas malhas da credence e da superstição – como massa amorfa ignorante a iluminar e converter. A história da cultura portuguesa moderna e contemporânea solidificou-se, ao longo de cerca de quatrocentos anos, por via de uma série dialéctica de sucessivas negatividades que não têm par no movimento cultural dos restantes países europeus, porventura com excepção da Espanha. Assim, mais do que filosófica ou reflexiva, a cultura portuguesa tem sido eminentemente ideológica, isto é, enformada ou envolvida por um sentido de Estado que lhe guia a orientação político-social, ora entronizando no poder uma(s) doutrina(s), ora excomungando a(s) doutrina(s) contrárias”<sup>73</sup>.

Enfim, tal como havíamos referido anteriormente, **identificado o problema, procura**, por assim dizer, **a luz** que, neste caso, se materializa nos três desideratos atrás apontados, e que recordamos: “o aprofundamento da integração europeia a todos os níveis”, “o aprofundamento da integração lusófona a todos os níveis” e “o aprofundamento da integração na globalização informática”. E explica em que medida cada um destes aspetos poderá contribuir para o salto cultural

---

<sup>67</sup> REAL, Miguel, *A Morte de Portugal*, 2007, p. 14.

<sup>68</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 106.

<sup>69</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 106-111.

<sup>70</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017, pp. 102-103 e *A Morte de Portugal*, 2007, p. 17.

<sup>71</sup> REAL, Miguel, in MOURA, Paulo “Podemos agora ser um país normal?” (conversas com sete pensadores portugueses: José Manuel Sobral, José Adelino Maltez, Miguel Real, Guilherme d’Oliveira Martins, Paulo Borges, José Gil e Eduardo Lourenço), *Público*, maio 18, 2014, <http://www.publico.pt/portugal/noticia/podemos-agora-ser-um-pais-normal-1636200> [consultada a 01-07-2015].

<sup>72</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, 2017, p. 229.

<sup>73</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 229.

que é necessário levar a cabo. Para o percebermos, nada melhor do que convocarmos as suas claras e inequívocas palavras a este respeito:

“Se pela integração europeia Portugal cumpre o seu sonho político e cultural de 300 anos, desde o Marquês de Pombal, e se pela integração lusófona presta continuidade à sua história imperial, não agora como potência dominadora, apenas como par entre pares, é pela última vertente cultural, a da globalização informática, a da ciberdemocracia, a do aprofundamento e transparência das relações entre os cidadãos e entre estes e as instituições sociais, mormente o Estado, por via da comunicação electrónica, que Portugal coabita verdadeiramente com a substância viva e cultural do presente, preparando o futuro de um modo mais aberto e tolerante”<sup>74</sup>.

**Destes três tópicos**, destacamos um que é muito caro quer a Miguel Real, sendo que, como já referimos, teve inclusivamente oportunidade de o tratar com pormenor em 2012, em versão ensaística, através de *A Vocação Histórica de Portugal*, e em versão ficcional, por exemplo, entre 2003 e 2013, expressa nos sete romances históricos que perfazem aquilo que designámos de “ciclo lusófono”<sup>75</sup> (*Cândida Branca Dias* - 2003 até *A Cidade do Fim* - 2013), quer também à nossa Universidade da Beira Interior. Reportamo-nos, como já se percebeu, ao tópico dedicado à **Lusofonia**<sup>76</sup> e que destacamos nos próximos parágrafos.

De facto, no **ponto 2.1.5.**, da obra que agora se apresenta, sob o sugestivo **título “Lusofonia – história aberta do futuro da Língua”** (pp. 189-193), Miguel Real começa, desde logo, por sugerir que, neste século XXI, da queda do Império e da remanescente ligação histórica aos espaços ultramarinos, nasceu esta “nova teoria da cultura portuguesa”,

“operando uma continuidade cultural sob e sobre a descontinuidade política. Trata-se da teoria da Lusofonia, cada vez mais defendida por diversos organizações institucionais da sociedade portuguesa e já provida de uma longa bibliografia de natureza positiva depois de, nos idos de 80, ter sido acusada de neo-colonialista (cf. Vítor Oliveira de Sousa, *Da Portugalidade à Lusofonia*, Universidade do Minho, 2015, texto policopiado)”<sup>77</sup>.

Da teoria à prática, Miguel Real destaca, em seguida, um bom exemplo de um defensor entusiasmado da lusofonia, o pai do Movimento Internacional Lusófono (MIL), Renato Epifânio, que persegue uma nova forma de organização política entre os membros da CPLP, que prime pela desejável e, de resto, exequível, solidariedade, igualdade, partilha, equidade, etc. Também o ensaísta

---

<sup>74</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 130.

<sup>75</sup> LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier, “Língua Portuguesa e Lusofonia em Miguel Real”, in LUÍS, Alexandre António da Costa Luís, LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier e OSÓRIO, Paulo (org.), *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*, Lisboa, Edições Colibri e Universidade da Beira Interior, com o apoio da Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras, Instituto Politécnico de Macau, Universidade de Toronto, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, 2016, p. 52 (pp. 47-82).

<sup>76</sup> No âmbito das suas ideias em todo deste assunto, não podemos deixar de destacar o texto da nossa autoria intitulado “Língua Portuguesa e Lusofonia em Miguel Real”, in Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório (org.), *A Língua Portuguesa no Mundo: passado, presente e futuro*, Lisboa, Edições Colibri e Universidade da Beira Interior, com o apoio da Academia das Ciências de Lisboa, Academia Brasileira de Letras, Instituto Politécnico de Macau, Universidade de Toronto, Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia, 2016, pp. 47-82.

<sup>77</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 189.

em análise adverte, desde logo, na já mencionada obra *Vocação Histórica de Portugal*, ideia reiterada em *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, para a necessidade de se efetuar uma gestão cuidadosa da Lusofonia que prime pela equidade, paridade, fraternidade, solidariedade<sup>78</sup> e não repita “os vícios dos diferentes desencontros históricos havidos séculos passados”<sup>79</sup>. Apresentando, como sempre faz, o reverso da medalha, ou seja, para a operacionalidade deste projeto, é imprescindível substituir-se “o espírito da história política, divisório e até incriminatório, pelo espírito da Língua, unificador e comunitarizador”<sup>80</sup>, pelo “espírito unificador e englobalizador da Língua como vínculo substancial comum, criador de uma razão comum, assente num desejo de partilha de unidade comum e no anseio de criação de um futuro o mais comum possível, como irmãos de uma mesma causa e habitantes de uma mesma casa”<sup>81</sup>. Confiante na desejável fraternidade e paridade dos seus membros, no respeito mútuo pela “pluralidade de raízes e diversidade de manifestações culturais”<sup>82</sup>, insiste na “criação de um *futuro novo* [...] uma espécie de choque cultural para o mundo que figura na Lusofonia uma comunidade eticamente exemplar”<sup>83</sup>.

Miguel Real recorda ainda, como já havia feito em *A Vocação Histórica de Portugal*, que “o espírito da Lusofonia reside hoje na língua comum – e porque a língua frutifica em cultura, o espírito da Lusofonia é hoje eminentemente cultural”<sup>84</sup>. Ou seja, a nova língua portuguesa que emerge, recriada e enriquecida com o contributo de todos, e força motriz da Lusofonia, é, numa perspetiva cultural, reflexo da realização perfeita da História de Portugal. O estudioso em análise explica precisamente que:

“A Lusofonia estatuir-se-ia, assim, do ponto de vista cultural, como a realização plena da história de Portugal por via da adopção da língua portuguesa como língua oficial e principal de todas as ex-colónias. Mais do que o Império, e este por necessidade histórica, seria o pós-império lusófono que justificaria e realizaria historicamente a existência de Portugal fazendo caldear a língua portuguesa com a ostentação de valores telúricos e mágicos tropicais, além da reafirmação da existência de uma nova dobra linguística no horizonte da literatura portuguesa, nunca assim trabalhada esteticamente, criando ou descobrindo palavras novas a partir dos usos linguísticos da criouliização, ostentando uma sintaxe nova exigida pelo cruzamento entre um léxico popular africano, oriental ou sul-americano e outro abstracto europeu”<sup>85</sup>.

---

<sup>78</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 137 e *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 191.

<sup>79</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 191.

<sup>80</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 135 e *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 191.

<sup>81</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 191.

<sup>82</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 138.

<sup>83</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 137.

<sup>84</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 191 e *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 170.

<sup>85</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 192 e *A Vocação Histórica de Portugal*, pp. 171-172.

De olhos postos nas inexoráveis marcas do passado decorrentes da ancestral condição de viajantes<sup>86</sup> e inevitavelmente consciente da importância da língua de Camões<sup>87</sup> no domínio da cultura portuguesa, Miguel Real antevê um futuro auspicioso para a Lusofonia; claro está, reitere-se selado pelo uso de uma língua comum. Como nos explica, desta feita, em *Vocação Histórica de Portugal*:

“E a medida do sucesso, mais do que aquilatar-se em ouro furtado do Brasil, café e diamantes de Angola, escravos de toda a costa ocidental e oriental de África, realiza-se hoje, com inesperado sucesso, na revolução linguística e cultural que os escritores dos países lusófonos têm operado na construção sintáctica e na difusão internacional da língua portuguesa. Ler os livros de Luandino Vieira, Ondjaki, Mia Couto, João Paulo Borges Coelho, Conceição Lima, Ana Paula Tavares, Pepetela, José Eduardo Agualusa, Germano Almeida e a miríade de escritores brasileiros é provar de um sucesso que, mais do que estritamente cultural, se afirma de um modo propriamente civilizacional, como se a língua portuguesa se encontrasse em estado de perfeito rejuvenescimento, preparada para explodir em infinitas soluções culturais e estéticas”<sup>88</sup>.

Uma vez que, segundo o especialista em estudo, “a Lusofonia não corresponde nem a uma ilusão cultural, criada politicamente de um modo artificial, nem a interesses nacionais ou políticos conjunturais”<sup>89</sup>, mas assenta nos laços culturais que nos unem, nas afinidades desenvolvidas, nas partilhas efetuadas, nos interesses e gostos comuns, “num genuíno genuíno programa civilizacional de fundo, unindo num vínculo único povos que a História fez encontrar e desencontrar”<sup>90</sup> tudo isto materializado no espírito congregador da língua, vaticina a criação de “*um novo rosto cultural no mundo*”<sup>91</sup>. Numa entrevista sugestivamente intitulada “A Lusofonia deveria ser levada mais a sério”, chega mesmo a dizer que:

“A cultura portuguesa possui hoje dois grandes valores, que perfazem a sua identidade. No passado, a epopeia dos Descobrimientos, da Expansão. Independentemente do que hoje pensarmos sobre os séculos XV e XVI, eles constituíram a nossa marca na história mundial. Se não tivéssemos feito os Descobrimientos, seria apenas uma grande Galiza, território e nação muito honrados, mas que muitíssimo pouco contaram para a história europeia e mundial. No que [diz] respeito ao presente, a cultura portuguesa é absolutamente dominada pelo uso da língua portuguesa. É ela o grande traço de união entre povos de todos os cantos do mundo, perfazendo mais de 200 milhões de falantes. Neste sentido, a lusofonia deveria ser levada mais a sério pelo Estado português, já que ela constitui, como organização internacional que dá rosto à língua portuguesa, a nossa segunda marca inscrita na história, neste caso grávida de muito futuro”<sup>92</sup>.

Informado pelas “infinitas possibilidades virtuais presentes na Lusofonia, tanto do ponto de vista económico como diplomático, como, sobretudo, do ponto de vista cultural e tecnológico”<sup>93</sup>,

---

<sup>86</sup> Cf. LUÍS, Carla Sofia Gomes Xavier e LUÍS, Alexandre António da Costa, “Viagens e Viajantes: para um retrato dos portugueses e dos «outros» em *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto”, *Caderno de Resumos, Culture e Letterature in Dialogo: identità in movimento*, CILBRA, UNIPG, Perugia/Assisi, 12-14 maggio, 2016, p. 16.

<sup>87</sup> Note-se que o autor em estudo entende que a clássica representação histórica da Língua Portuguesa imortalizada por Camões, uso erudito, e Fernão Mendes Pinto, uso popular, acolhendo os neologismos europeus e a história dos países lusófonos, foi transfigurada numa nova forma de expressão (REAL, Miguel, *A Cidade do Fim*, p. 11).

<sup>88</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 130.

<sup>89</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 190 e *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 133.

<sup>90</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 190.

<sup>91</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 170 e *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 135.

<sup>92</sup> REAL, Miguel, in CASTRO, Isabel, Entrevista a Miguel Real, “A lusofonia deveria ser levada mais a sério”, *Ponto Final*, abril 19, 2011. Disponível em <https://pontofinalmacau.wordpress.com/2011/04/19/%E2%80%9Ca-lusofonia-deveria-ser-levada-mais-a-serio%E2%80%9D/> [consultada a 01-07-2015], acrescento nosso.

<sup>93</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 131.

acredita que será possível criar “entre os seus países constituintes uma comunidade semelhante à Europeia”<sup>94</sup>. E acrescenta ainda na obra em destaque que “A actual vocação europeia de Portugal seria harmónica com a actual vocação lusófona de Portugal, os dois grandes desígnios e caminhos da cultura portuguesa pós-império”<sup>95</sup>. Pela Europa globalizamo-nos, acompanhamos a cultura europeia contemporânea e vamos sendo atores políticos, à medida das nossas possibilidades; pela Lusofonia, “estabelecemos uma continuidade civilizacional com o passado da História de Portugal, realizando-a plenamente pela transplantação da nossa língua para outros ambientes geográficos e culturais, fazendo-a renascer para além do berço europeu”<sup>96</sup>.

Recorde-se que a Lusofonia em Miguel Real é efetivamente “encarada enquanto ‘vocação’ histórica portuguesa”<sup>97</sup>, contrariando a tese do designado “*destino histórico*”<sup>98</sup> de Portugal, de Jorge Borges de Macedo. Para o autor em estudo, “a vocação histórica de Portugal, hoje, à entrada do século XXI, é, incontestavelmente, a de cruzar a nova experiência europeia com a antiga provação imperial, gerando um novo e exemplar espaço político internacional de igualdade e prosperidade – a Lusofonia”<sup>99</sup>.

E é categórico em afirmar que “não existe de facto outra solução para Portugal”<sup>100</sup>. No seu entendimento, e como já tivemos oportunidade de referir, Portugal, “continuando na Europa e abandonando a necessidade de protagonismo saloio nas instâncias internacionais”<sup>101</sup>, deve “dedicar-se por inteiro à revitalização dos antigos laços com as ex-colónias, protagonizando, em pé de igualdade, não uma ressurreição do Império, antes uma explícita vocação histórica que optimize as relações entre todos os países lusófonos”<sup>102</sup>. E destacamos o vocábulo *todos*, posto que se trata, em nossa opinião, de um conceito de Lusofonia inclusivo, que convoca “todas as nações, países, povos e comunidades falantes da língua portuguesa ou de um dialecto desta directamente derivado”<sup>103</sup>. É neste contexto que salientamos a relevância da diáspora, especialmente da diáspora sefardita, no âmbito do pensamento de Miguel Real, traço, de resto, contemplado no ponto 2.1.4 de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, intitulado “**Cultura de Fronteira – o desejo do Outro**”. Neste local, o especialista em estudo celebra, como de resto já havia iniciado num artigo intitulado “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade Cultural Portuguesa”, publicado na *Nova Águia*,

---

<sup>94</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 131.

<sup>95</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 193.

<sup>96</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 193.

<sup>97</sup> SOUSA, Vítor Manuel Fernandes Oliveira de, *Da “Portugalidade” à Lusofonia*, Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, Especialidade em Teoria da Cultura, apresentada à Universidade do Minho, Braga, Instituto de Ciências Sociais, 2015, p. 417.

<sup>98</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 27.

<sup>99</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 27.

<sup>100</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 131.

<sup>101</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 131.

<sup>102</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 131.

<sup>103</sup> REAL, Miguel, *A Vocação Histórica de Portugal*, p. 133.

*Revista de Cultura Portuguesa para o Século XXI*, mas dizia, celebra a aprovação, a 26 de fevereiro de 2015, em Conselho de Ministros, do decreto-lei “regulamentador da concessão de nacionalidade portuguesa a descendentes da comunidade judaica sefardita expulsa”<sup>104</sup>, que, fruto “da mentalidade tolerante portuguesa” do último trimestre do século XX<sup>105</sup>, vem pôr fim ao “longo divórcio cultural entre a consciência católica e o pensamento humanista portugueses”<sup>106</sup>. Concebendo-o como um dos “mais repugnantes erros históricos das instituições eclesiais”<sup>107</sup>, “um autêntico pecado civilizacional”<sup>108</sup>, cometido por Portugal, que fora, “na Europa dos séculos XV e XVI”, um dos instrumentos de perseguição dos judeus mais pujantes, eis que cinco séculos depois da expulsão dos judeus de Portugal sob a ordem do rei D. Manuel, vem a ser corrigido, sendo que os seus descendentes têm agora a possibilidade de obter a nacionalidade portuguesa<sup>109</sup>. Num tom crítico e com certa pitada de humor, explica que, ironia do destino, a sermos providencialistas, como “«penitência» histórica”<sup>110</sup>, uma quota parte da tendência à bipolaridade do espírito marrano contagiou a “concepção portuguesa de identidade nacional”<sup>111</sup>. Em *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, destaca inclusivamente uma nova teoria, defendida, já neste século, também por Alexandre Teixeira Mendes e Pedro Martins, orientada para a duplicidade expressiva ou a dicotomia de espírito do povo português, “ser um e ser outro ao mesmo tempo”<sup>112</sup>, que oscila entre a exaltação e a depressão, e que deriva da sua “relação intrínseca com o povo judaico, primeiro devido a um acolhimento benigno ao longo da Idade Média, depois, a partir de D. Manuel I, nos finais do século XV, princípio do seguinte, uma relação tecida de violência sobre as populações judaicas de Portugal e a imposição da sua conversão ao cristianismo”<sup>113</sup>. A tendência velada das comunidades criptojudais, crentes no messias prometido e seu futuro advento<sup>114</sup>, a acarinhar uma espécie de “messianismo oculto”<sup>115</sup>, e “que António José Saraiva concebeu como cultura ambígua ou ambivalente do “ser” e “não ser” nos seus estudos sobre a *cultura em Portugal ou do desejo do Outro*, caracteriza uma destacada “vertente

---

<sup>104</sup> REAL, Miguel, “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade Cultural Portuguesa”, *Nova Águia*, n.º 17, *Revista de Cultura Portuguesa para o Século XXI, A Importância das Diásporas para a Lusofonia*, 3.º Congresso da Cidadania Lusófona, Sintra, Nova Águia & Zéfiro, 2016, p. 21 (pp. 21-25). REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>105</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>106</sup> REAL, Miguel, “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade”, p. 21 e *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>107</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>108</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>109</sup> Como Miguel Real explica, e “Segundo anuncia o *Diário de Notícias* de 15 de Agosto de 2015, em artigo de Sérgio Pires, a comunidade sefardita expulsa de Espanha e Portugal em 1492 e 1497 seria constituída hoje por cerca de 3,5 milhões de descendentes e, de imediato, 900 destes teriam manifestado o desejo de obter nacionalidade portuguesa” (REAL, Miguel, “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade Cultural Portuguesa”, p. 21).

<sup>110</sup> REAL, Miguel, “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade Cultural Portuguesa”, p. 21.

<sup>111</sup> REAL, Miguel, “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade Cultural Portuguesa”, p. 21 e *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>112</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>113</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 182.

<sup>114</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 185.

<sup>115</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 185.



da cultura portuguesa que anima as obras de António Vieira, Sampaio Bruno, Fernando Pessoa e Agostinho da Silva”<sup>116</sup>, encontrando expressividade, por exemplo, quer na obra ensaística de Miguel Real, designadamente no ensaio *A Cultura Portuguesa e Agostinho da Silva* (“a tensa cisão dilacerante”<sup>117</sup> constitutiva do marranismo é assumida veladamente por Agostinho da Silva), quer na ficcional, através da hercúlea obra *O Sal da Terra*, que Miguel Real dedica a Padre António Vieira. E seria uma forma belíssima de terminarmos estes “breves traços fundamentais” em torno de uma obra que deveria constar nos programas de Cultura Portuguesa, focados neste Grande Imperador da Língua Portuguesa, personalidade que Miguel Real muito admira e cuja expressividade é visível nos dois formatos (ensaio, *Padre António Vieira e a Cultura Portuguesa* e ficção, *O Sal da Terra*).

Todavia, antes de darmos por concluída esta apresentação, gostaríamos de, ainda que brevemente, convocar o tópico 1.2.4, intitulado “**Nova cultura das cidades**”, que nos recorda o lado bom da mudança, espécie de mensagem de esperança. Despida da roupagem de cidade dos Descobrimentos, Lisboa é agora um destino turístico cosmopolita, repleto de possibilidades, vivendo-se neste espaço, como Miguel Real frisa, uma “segunda idade de ouro”. Trata-se de um ponto temático que consideramos muito feliz e oportuno, vertido num discurso claro, de quem conhece a realidade por dentro e com o qual facilmente nos identificamos. Com efeito, Miguel Real neste apartado, de olhos postos no presente, traz à colação uma nova cidade, modernizada, que oferece ao cidadão cosmopolita que a habita um conjunto de oportunidades diversificadas. Enfim, reportando-se à Lisboa contemporânea, mas alargando o conceito a outras cidades, recorda que o cidadão pode agora fruir de um conjunto de experiências que outrora lhe estavam vedadas; habitavam apenas outros espaços europeus e mundiais. Atentemos, por conseguinte, no trecho a isso atinente:

“Após a vivência da cidade dos Descobrimentos (de 1415 a 1578), vivemos hoje (século XXI) a segunda idade de ouro de Lisboa, cidade que se vai despindo da pele do passado para se reconstruir pós-modernamente: cidade ecológica, cidade electrónica, cidade-espectáculo. Neste sentido, o atual habitante das cidades portuguesas goza de um estatuto cosmopolita, o que significa ter o mundo inteiro dentro de si, comer manga-rosa indiana quando lhe apetece ou beber café de Nova Iorque, ver filmes que a Europa e a América vêem deslocar-se à velocidade de 100/150 Km/hora, possuir escolas iguais às de Berna, Paris e Londres e hospitais semelhantes aos de Munique e Madrid e Amsterdão. Simultaneamente, pensar e ver o planeta com os olhos, não do nosso bairrinho, da nossa cidadezinha, mas do mundo inteiro, não ser estranho aos terramotos no Japão, aos mineiros do Chile e aos explorados da África e da Ásia”<sup>118</sup>.

**Enfim**, como devem calcular, perante o enorme caudal de informação que *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa* comporta é absolutamente impossível em 30 minutos abeirarme sequer da totalidade dos temas abordados por Miguel Real. Vindo a escorreito propósito,

---

<sup>116</sup> REAL, Miguel, “A Diáspora Sefardita, o Marranismo e a Identidade Cultural Portuguesa”, p. 21. *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 189.

<sup>117</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, p. 189.

<sup>118</sup> REAL, Miguel, *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, pp. 131-132.

convocamos aqui as pertinentes palavras de Ernesto Guerra da Cal que, num contexto específico, acerca da análise estilística que empreende em torno da obra queirosiana, dizia:

“[...] sabemos de antemão que não conseguiremos encontrar a rosa, de que falava Gourmont, na sua fragrância; mas se conseguirmos rodeá-la, examinar algumas das suas pétalas e aproximarmos do ‘sanctum’ inacessível e inexpugnável do seu segredo vivo, consideramos isso mais que suficiente, e ficaremos satisfeitos”<sup>119</sup>.

Também nós pretendemos com esta aproximação a algumas preciosas “pétalas” de *Traços Fundamentais da Cultura Portuguesa*, não deixando, por razões óbvias, de estabelecer contactos com outros trabalhos, abrir um pouco o véu, aguçar a curiosidade, despertar o interesse para futuras leituras, no fundo, oferecer uma espécie de aperitivo que antecede uma degustação *gourmet* que será saboreada por cada um de vós. Faça-se, por conseguinte, cultura, num sentido “amplíssimo”, com o contributo de todos!

Muito obrigada pela vossa atenção!

---

<sup>119</sup> CAL, Ernesto Guerra da, *Língua e Estilo de Eça de Queirós*, Coimbra, Livraria Almedina, p. 55.